REVISTA DE MULHERES NACIONALISTAS GALEGAS MARÇO 1993

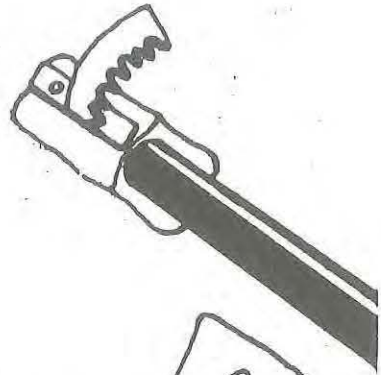
REFEMINISMO

10

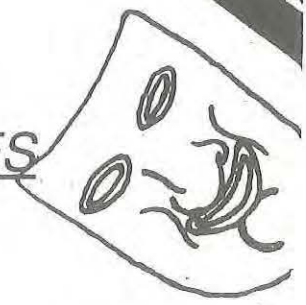
A FORÇA DAS MULHERES COM A NOSSA LUITA TROCAREMOS A HISTORIA

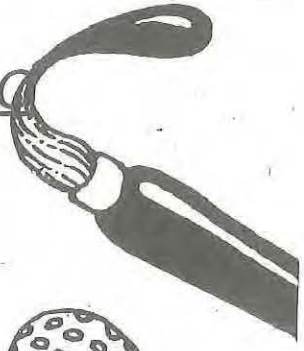
Mulheres Nacionalistas Galegas

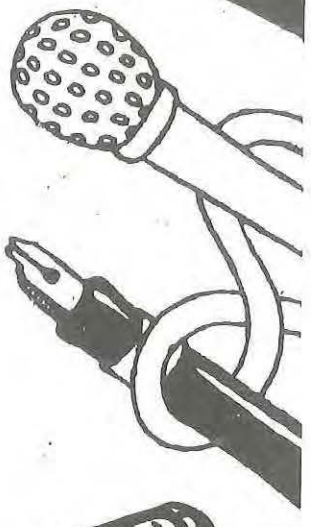
SUMARIO

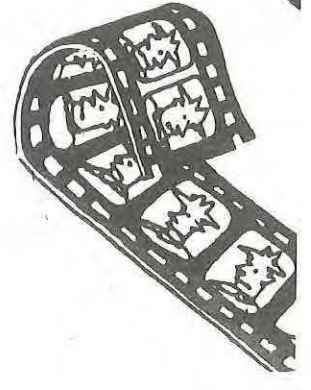


1 EDITORIAL
3 LIVRO: A REVOLUCÃO DAS MULHERES
5 UMHA HISTÓRIA DIFERENTE
MARIA RODRÍGUEZ
8 ENTREVISTA COM...
AS MULHERES DE CONSERVAS MASSO
11 CANÇOM: MULHER SE VERDADE
12 UMHA DE AGRESSONS
15 LENHA AS MULHERES
ATÉ QUE APRENDAM O CATECISMO
16 CONFLITO DAS TRABALHADORAS
DA EMPRRESA RAMEL
19 A NOSSA LUITA EM ...
IRLANDA
23 MUNDO DOS CONTOS
25 ASSEMBLEIA NACIONAL









EDITORIAL.

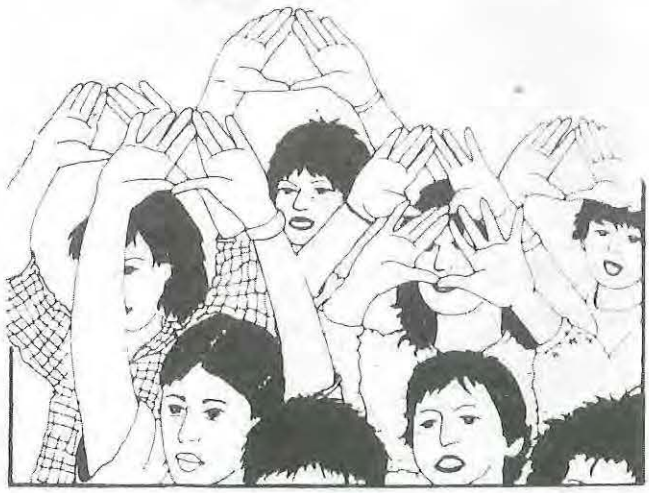
À hora de decidir qual seria o tema sobre o que giraria este ano a celebraçom do 8 de Março, era obrigado fazer um repasso da situaçom das mulheres na Galiza, em umha época onde as grandes celebraçons (Olimpiadas, Expo e agora o Jacobeo) nom logram ocultar umha tremenda crise do capitalismo que pretende salvar-se com umha remodelaçom que esta a levar por diante os pilares básicos da economia galega, acompanhado de umha asimilaçom ideológica e cultural sem precedentes. E, como em todo momento de crise aparece em primeira linha mecanismos que servem para amedrentar ou aplacar um descontento social em aumento: o racismo, o fascismo, o sexismo... Todos eles presentes na curta história do capitalismo no nosso pais, pero que agora se nos amostram com maior intensidade que nas últimas décadas, falar de um aumento das agressons, nom só no número senom na violência das mesmas (ainda está moi presente em nós o sucedido em Vilalva e Candeam), quedaria um pouco escasso se queremos reflectir como se mostra o sexismo e qual é a nossa situaçom em estes começos do 93. Quedariam temas sangrantes como som o auge de negocios como a prostituiçom e a pornografia, o aumento do paro feminino que se quere explicar como umha simples conseqüência da incorporaçom da mulher ao mercado de trabalho, a utilizaçóm cada dia mais ofensiva da nossa imagem nos meios de comunicaçom e a publicidade em geral, o avanço de posturas misóginas dentro de instituiçons como a Igreja católica, um bloqueio quando nom

retrocesso de reivindicaçons já velhas como o direito ao aborto, ataques a liberdade sexual, potenciaçom da família patriarcal com os seus roles escravizantes para nós, deterioro em geral das nossas condiçons de vida e saúde, que querem ser tapadas com falsas estadísticas sobre a esperança de vida e campanhas pantasmas para a prevençom do cancro de mama... Em fim, nom podíamos quedar com um só tema pois todos apareciam com a sua importância e ligados entre si.

Frente *a esta situaçom, analisábamos como estabamos respostando as mulheres em este momento. Já ao longo da história temos recolhido umha curta pero valiosa experiência de organizaçom e luita. Pero atopamos que hoje parece que as mulheres estamos ante um novo tipo de "paternalismo" opressor: As instituiçons criam departamentos, institutos, serviços... que se ocupam de nós, dos nossos problemas, que editam folhetos, sacam eslogans e organizam foros de debate onde apareçem, por ejemplo, um senhor advogado falando da nossa igualdade perante a lei, um senhor comisário de policia comentando as agressons que padecemos,.... Em fim "todo para o povo pero sem o povo" que resulta ser nada. Pero o triste é comprovar como mulheres e organizaçons que na década dos 70 significarom umha bandeira de reivindicaçom e luita, tenhem sucumbido aos enganos do espelhismo da democracia espanhola. A práctica dos últimos anos nom colocou a luita feminista no lugar que lhe correspondia historicamente um movimento aglutinador de um número significativo de mulheres que conseguisse umha sociedade diferente. Pela contra o feminismo segue a ser valorado como umha actitude anti-home, a anti-tese do machismo, ou bem relacionado só com a luita pela liberdade sexual, quando nom identificado com o pensamento de "umhas tolas que vem pantasmas onde nom os hai, que no fondo desejariam ser homes".*

O feminismo *nom é mais que essa energia que se vém acumulando ao longo da história, de todas aquelas mulheres que se esforçarom em mudar as suas condiçons de vida e se enfremtarom a umha sociedade que pretendia relegá-las a seres de segunda categoria. Essa energia que nos empurra as mulheres galegas a organizarmo-nos e jogar o papel que nos corresponde em esta época, em este tempo que toca viver. Cumpre, pois, reivindicar o feminismo como a força que trasmite a solidariedade entre as mulheres, precisamente a que necessitamos para, librando-nos de corseletes institucionais que pretendem acalarnos com as suas migalhas, tomemos as ruas, as fábricas, as escolas, os campos, as casas e os leitos e convirtamo-los em lugares onde comeze a agromar umha nova história. Eis pelo que estaremos em Compostela este ano manifestando:*

FEMINISMO: A FORÇA DAS MULHERES; COM A NOSSA LUITA TROCAREMOS A HISTÓRIA.



A REVOLUÇOM DAS MULHERES

Eis um pequeno livro que contem para maravilha de quem o lê, toda a história recente do feminismo no Brasil, que longe de ser um movimento marginal, é relevante e inclusive imprescindível para enterdemo-nos as grandes transformaçons que sofreu esse atractivo país de contrastes.

O fio condutor do livro levan-no duas feministas que pertencem a duas geraçons diferentes pero que som quem de reflexionar e tirar conclussons comuns, tanto no que foi a história do feminismo brasileiro cómo à hora de abordar questions como a maternidade, a sexualidade, o casamento... que seguem sem resolver ainda depois de reconhecer que é muito o caminho percorrido.

Som "AS NOSSAS PALAVRAS FINAIS" as que poder recolher de um jeito simples toda a riqueça da experiência das mulheres brasileiras em estas 115 páginas.

"Começamos este livro contando uma história recente do feminismo. Depois disso, ouvimos seis feministas das mais importantes do nosso país. Demostramos então, que nosso feminismo tem uma história, tem personagens, tem lutas e reflexoes. A situação da mulher, na sociedade brasileira, mudou tão profundamente que para muitas jovens é impossível imaginar como viviam suas avós poucas décadas atrás, sem voz, nem vez. O que não quer dizer que a luta acabou e já conquistamos tudo. Ao contrário,

o movimento feminista está em uma nova fase de luta, que alguns teóricos chamam de pós-feminismo, outros de segunda ou terceira etapa do feminismo. Não existe um conseno a respeito do nome desse

momento, mas existe um consenso noque diz respeito a ser esse um novo momento: de reflexão, de elaboração, de reconstrução. Fazer avançar a luta e o pensamento feminista, não mais com a radicalidade do primeiro momento em sua busca de igualdade entre homens e mulheres, ma, hoje, buscando a valorização das diferenças, da especificidade de cada gênero. O feminismo tem de actualizar suas mensagens, táticas e estratégicas.

Apesar de termos atravessado quase três décadas continuamos, muitas vezes, com os memos erros do início, repetindo um discurso meramente emocional, que culpa o autoritarismo masculino por todas as mazelas que as mulheres enfrentam. Algumas feministas ainda carregam a idéia de que "ser mulher" lhes dá um habeas-corpus preventivo contra qualquer tipo de comportamento irracional, agressivo ou irresponsável. Consideramós completamente ultrapassada essa visão da mulher como vítima indefesa e acreditamos que somente uma postura responsável e positiva frente à realidade poderá modificar, mais radicalmente, a situação da mulher brasileira.

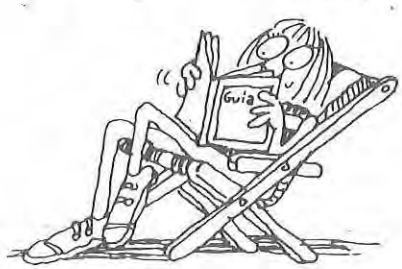
A utopía feminista esbarrou nas dificultades da realidade de um país extremamente machista e conservador, marcado por profundas diferenças sociais, constatando que não se faz o que se quer, mas o que é possível. A situação da mulher brasileira ainda está longe das nossas reivindicações de 1975, e muitas vezes, parece que continuamos na estaca zero. A grande maioria das mulheres ainda nao é protagonista da sua própria história e não participa das esferas de comando e decisão, a desvalorização social do trabalho feminino continua, permanece a dupla jornada de trabalho, as exigências sociais são ambíguas com relação ao papel da mulher, os desencontros amorosos se multiplicam, as famílias estão desestruturadas, as mulheres continuam sendo vítimas de violências, estupros e assassinatos. Muitas jovens não tem uma postura crítica com relação ao machismo, desejando a volta de muitas coisas que as suas maes tentaram combater. Ainda é difícil para a mulher se realizar num mundo que valoriza as características ditas masculinas, como a agressividade e a competividade. muitas vezes nos sentimos frágeis, fracassadas, inadequadas, e temos vontade de abandanor a luta, sonhando com um mundo mais harmônico e amoroso.

É justo ressaltar que muitas dificultades estao sendo vivenciadas no mundo todo, nessa crise de fim de século e de milênio. Muitas utopias terminaram, muitos radicalismo tiveram fim, filosofias, ideologias e políticas estão sendo questionadas. Há uma insatistação geral, em todos os níveis. Muito a ser construído e uma série de coisas a seram conquistadas e reconquistadas. Devemos tentar construir até novas concepções de vida -talvez seja esse o maior desafio-, mas não há construção possível sem o reconhecimento da nosssa história. As feministras brasileiras enfrentaram situações muito mais adversas e difíceis do que as que hoje enfrentamos. Por isso mesmo, temos de nos propor novos desafios para enfrentar o arcabouço ideológico e cultural do machismo e conseguir uma ruptura profunda da lógica patriarcal. Temos também de buscar transformar a igualdade constitucional e jurídica já alcançada, na prática cotidiana da sociedade. E para isso é preciso audácia, criatividade, coragem e vontade política.

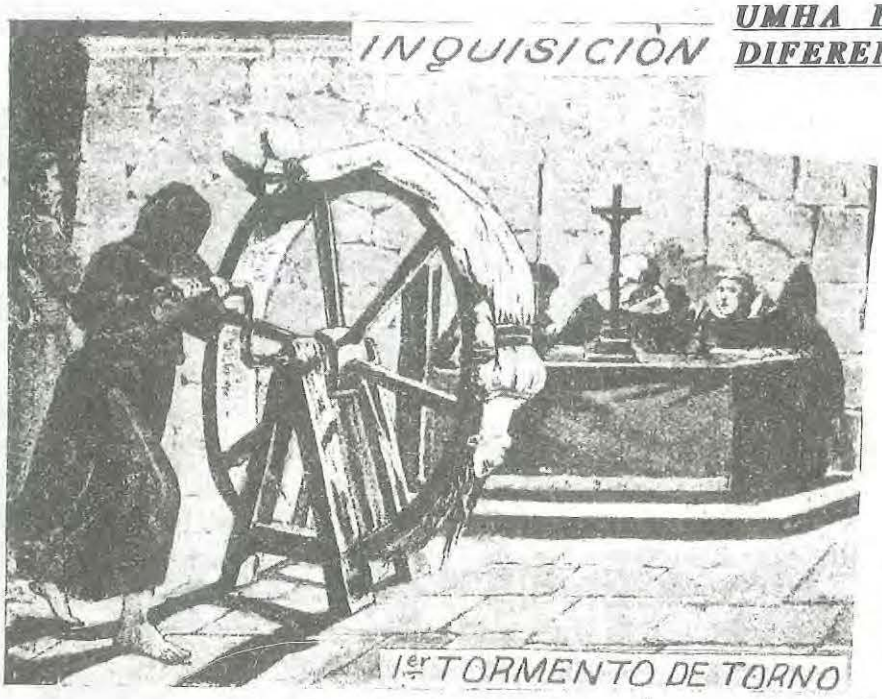
Tivemos e temos de pagar um preço alto por nossas conquistas. Trocamos a estabilidade e a segurança pelos riscos e conflitos das novas escolhas e descobrimos que muitas vezes e difícil assumir a responsabilidade pela tam sonhada liberdade.

Ao escrevermos este livro atravessamos datas e caminhos longínquos, que demostram não estarmos sozinhas em nossa luta. Muitos têm sido, homens e mulheres de diferentes gerações e países, os que acreditam e lutam pela valorização e plena inegração social da mulher. Essa já é uma realidade inquestionável que nos tem dado forças para ir adiante. O feminismo nao acabou; ao contrário, continua escrevendo a história do nosso tempo".

Moema Toscano, Miriam Goldemberg
Editora Revan 1992, Rio de Janeiro



UMHA HISTÓRIA DIFERENTE.....



MARIA RODRIGUEZ
PONTE DA LIMA (PORTUGAL) 1.517

As injustiças eclesiásticas do arcebispado de Braga entregarom às do bispado de Tui esta prisioneira, com o seu processo por delitos de feitizaria, a pricípios do ano 1.517.

Era portuguesa, natural de Ponte da Lima; a sua idade nom semelhava adequada para exercer a profissom pola que a acussavam: tinha 35 anos.

Do bispado de Tui foi remitida Maria Rodriguez polos juízes seglares à Inquisiçom de Compostela, nom sem antes fazer-lhe preguntas e preguntas que engadirom à informaçom e ainda sujeitando-a de tránsito em tránsito, por excessivo celo, curiosidade, ou outras cousas a crueis tormentos para que falasse a pobre vítima ou para fazer que pola sua boca falasse o Demo, de quem se dizia era a própria esposa.

Nas maos da justiça umha mulher era um joguete: um home um inimigo e ambos ofereciam meios eficazes para os fins que se perseguiam.

Maria Rodriguez chegou a Compostela mutilada e esmorecida, polo mês de Maio, foi posta a bom recaudo nos cárceres secretos e esperou-se à sua completa cura para volvê-la a mutilar e atormentar.

Naquela criatura humana, nasida baixo "mal sino" segundo os fatalistas modernos, nom aparecia já a obra de Deus, digna de todo respeito, senom um pedaço de carne bruta, condenada à fogueira polos seus semelhantes, tanto mais crueis e estúpidos quanto mais seglares!.

Por Julho já se achava o pobre corpo de Maria com toda sensibilidade necessária para o tormento, e a sua memória para o pánico terrível.

Os médicos do Santo Ofício tinham a missom, bem miserável, de declará-los

assim, como se for a alta numha das nossas casas de misericórdia, onde se curam para viver os enfermos e nom para atormentá-los e feri-los novamente.

Em virtude desta alta, baixou Maria Rodriguez á abóbada do tormento, subterránea, lôbrega, isolada, afogada pola lenheira.

Nada quixera confessar na audiência, como nunca confessou em nengumha declaraçom pacífica, por Deus, polo juramento e pola crença do céu.

Era preciso que os tormentos do inferno volvessem no seu mísero corpo e colhendo-o os verdugos arrastrarom-no umha noite entre horrorosos berridos que acalarom com a mordaça polas sete escadas do jardim de Ochoa à abóbada da lenheira.

Mentres ceavam bebendo os tradicionais "Cristus" ós frades de Sam Martinho, ceavam em companha das suas amas os canónigos e divertiam-se na cidade mil criminais mais dignos de tortura, no juiço de Deus, que a débil e pobre bruxa, que nom o era, posto que nom tinha poder algum, nem o tinha o infeliz dianho, o seu home, quando, naquel momento, pola sua própria honra, nom revoltara contra os inquisidores aos exércitos infernais. O Deus mesmo, segundo as teorias que reinavam, pois que nom a podia defender de semelhantes injustiças, devia de carecer de influência sobre os homes e ser duro, cruel ou impotente antes as bágoas de umha pobre, ignorante e débil mulher.

Com quanto coraçom pudo a atormentada Maria pregar ao seu Deus, nom o di a história, quando já de pé, ja de joelhos, já tendida no cham, arrincarom-lhe os seus vestidos, porque naquel tempo de moralidade cristá para o tormento dado polos homes era preciso que umha mulher, donzela ou casada, se mostra-se completamente nua!.

Tendida já no potro (que era umha cama inventada por frades folgazans e por poderosos que dormian em colchons moles, e consistia em oito barrotes postos em escala que cortabam o corpo com as suas aristas afiadas face arriba) apertarom-lhe os cordeis nas pernas e nos braços, seis e sete voltas até chegar aos osos.

Maria Rodríguez no colmo do sufrimento, tola de dor, ja nom sostivo a negativa, se nom que afirmou quanto quigérom os inquisidores.

Confessou que conhecera o Demo, tivera com ele relaçons amorosas e .... pacto carnal e espiritual entregando-lhe, escrava, a sua alma e o seu corpo. Invocava-o com palavras determinadas e ele trasladava-a polos ares de um ponto a outro, segundo o seu desejo; nom obstante que agora nom podia salvá-la de aqueles cárceres!.

Pequena e triste ideia do que é essa luita impossível, inventada polos teólogos antigos entre Deus e o Demo, por arrebatar-se o um ao outro as almas dos pobres crentes que tenhem algo que confiscar na terra.

Baixo promessa grosseira de nom conceder mais goçes do seu corpo ao Demo... foi conduzida ao taboado esta mulher num acto de fé por setembro do mesmo ano, pintarrada no seu corpo e hábito com as insignias de bruxa, e ali adjurou de "vehementi".

O Auto celebrou-se na Catedral de Compostela estrambóticamente pintada de verde, em abóbadas, arcos e pilares soberbos para estes espectáculos risíveis. O público divertia-se ali como na praça pública e esperava depois na rua a procissom da justiça seglar que executaba as sentenças.

Maria Rodríguez levou douscentos azoutes nua de medio corpo para cima e sobre aquele pelejo crivado e das feridas polas torturas. Depois desterrarom-na a pontos lonjanos da sua terra e de Compostela.

Volveu a curar esta infeliz mulher. O Santo Ofício da Inquisiçom deixou-na descansar perto de dous anos justos. Mas por agosto de 1579 houvo noticia no tribunal de que a prenderam novamente no "merino" da jurisdiçom de Penha-Flor, eo fiscal denunciou-na como reincidente nos mesmos delitos.

O "merino" submetera-a ao tormento e nele confessara a sua reincidência nos mesmos pecados.

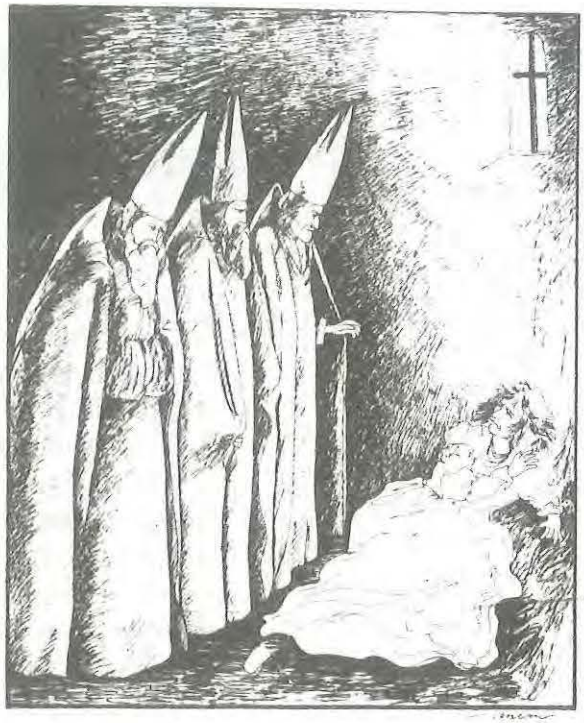
"Trouxo-se -dim os inquisidores na informaçom original que dirigem ao Conselho - a este Santo Oficio, e confessou o mesmo no tormento, que se volveu a repetir, e de ter-se apartado da nossa Santa Fé Católica e foi votada a relajar em pessoa a justiça e braço seglar, em trinta de novembro de 1579!.

Maria Rodríguez cumprindo os 39 anos da sua idade, foi consumida numha fogueira pública na praça do Campo, hoje de Cervantes (Compostela), entre as burlas de um povo mais enganado que instruído nas máximas da religiom cristá e sobre o qual se erguiam e enriqueciam os embaucadores.

Que misterios, que móveis, que vinganças secretas conducirom à fogueira a esta infeliz mulher?.

Isto é o que ignorará sempre a história, pois nom eram tam parvos os doutores eclesiásticos de Braga, Tui e de Compostela de crerem em que o Demo precisasse mulheres formosas para casar com elas neste baixo mundo nem que ninguem puder voar polos aires e buscar tesouros com ajuda e pacto do maligno espírito.

Maria Rodríguez devia possuir algum segredo e de umha e de outra vez viria bem recomendada para a fogueira polos clérigos de Braga.



Bernardo W. Barreiro 1856

ENTREVISTA COM

AS MULHERES DE CONSERVAS MASSO HERMANOS

A Empresa de conservas Masso, ubicada em Cangas está como muitas outras do sector em crise desde há vários anos. Esta Empresa como a maioria da conserva tem a sua história desde a primeira chegada dos industriais pesqueiros cataláns há mais de cem anos, e que forom assentando pola beiramar galego distintas indústrias de derivados pesqueiros pondo as bases para o desenvolvimento do sector na Galiza.

Nas oficinas principais da Empresa em Vigo, falamos con Concha do Comité de Empresa pola CIG, durante o feche deste comité em Janeiro.

AREA.- Para situar-nos. Qual é a história das conservas Masso Hermanos?

CONCHA.- As fábricas de Masso que quedam som a de Avilés com umhas 10 pessoas e a de Cangas de Salgueirom com 400 pessoas. Antes havia em Bueu e Barbae, mas forom fechando e as trabalhadoras e trabalhadores passarom à de Cangas ou marcharom com jubilaçons anticipidas e baixas incentivadas. Aqui na de Cangas Q também se perderom mais da metade dos postos de trabalho.

Nos 60 e antes, éramos uns 1000 trabalhadores em Cangas e 700 em Bueu. Tínhamos guardeiria, comedor, economato, vivendas, e até havia um hotel para aquelas pessoas que nom eram da vila, e nel funcionava umha escola para nós.

A maiores da conserva, havia: varadeiro, carpintaria, estaleiro e fábrica de gelo.

De 20 anos para aqui foi-se perdendo parte disso, e na actualidade só temos a guardeiria, o economato e as vivendas. Inclusso o trabalho imos perder.

Mira! O certo é que mentres haja esta Direcçom nom vai haver umha soluçom para a Fábrica e o nosso futuro está mui mal.

AREA.- Logo, essa é a razom que vós considerades como a causa principal para que a Empresa nom vaia adiante?.

CONCHA.- Essa, e o que leva com ela. Os filhos do velho Masso nunca tivérom interesse pola fábrica e por isso nom figérom frente às necessidades. Nom se anovou maquinária, nom se mirou de produzir um "stock" suficiente para afrontar pedidos...

Logo, resulta que, quando empezam a chegar produtos como os nossos pero mais baratos polos acordos da CEE, e Marrocos e Portugal empezam a vender aqui, e nós estamos cheios de aranceis, nom podemos competir...

Inclusive se perdérom os mercados americano e europeu, aonde íam os produtos de maior qualidade e os que mais dinheiro deixavam.

Nós víamos como a Empresa se vinha abaixo, e tentamos falar com a Direcçom, pero a sua resposta sempre era que nom havia nengum problema, que tudo ia bem. Claro, bem para eles!

AREA.-Qual é a vossa situaçom actual?

CONCHA.- Por todo o anterior a Empresa quedou sem cartos. Nom há liquidez e pagamo-lo nós

que levamos quatro meses sem cobrar. Debem-nos ao redor de cem milhons de pesetas, e como isto siga sem solucionar-se perderemos o nosso posto de trabalho.

Por isso estamos fechadas, para exigir o pago do que nos devem. Que dimita esta Direcçom e que contratem outra que leve adiante o plano de viabilidade.

AREA.- Mas, os Bancos tenhem cartos e a "Xunta de Galicia" teria também algo que dizer, nom?. Figestes algumhas gestions?

CONCHA.- Aqui todos querem cobrar em mau. Nom se fiam dos Masso. E com razom! De todos jeitos o Conselheiro de' Indústria, prometera com muito aquel que "baixo negum conceito deixariam que fechasse a Indústria". Palavras, sabes. Mais nada. Só lhes interessam os votos. Ninguém se preocupa de nós. Aqui o Alcalde de Cangas que devería mirar polos nossos problemas, porque foi elegido polo Povo, nom fai nada. Ou termamos nós da nossa vela ou nom no-la terma ninguém.

AREA.- E falando de vós. Qual é a composiçom do Comité? Que papel jogades as mulheres em ele e na fábrica?

CONCHA.- Para isto somos todos um, ainda que no Comité a maioria somos da CIG. Também há de "Comisiones" e UGT que é a que leva os encarregados e aos das oficinas. Na CIG somos mais as mulheres e nas outras som mais os homes.

Na Empresa somos como um 85% de mulheres, quase todas em "enlatado". Outras estám nas oficinas.

No Comité somos maioria as mulheres, porque os homes da nossa fábrica som do "mais cagom" e nom dam um passo sem nós. As candidaturas enchem-se de mulheres e os homes só querem os últimos postos. À hora de um conflito somos nós quem damos a cara, e eles sempre aguardam ao que fagamos.

AREA.- Daquela, como se pode explicar que seja um home o portavoz do Comite?.

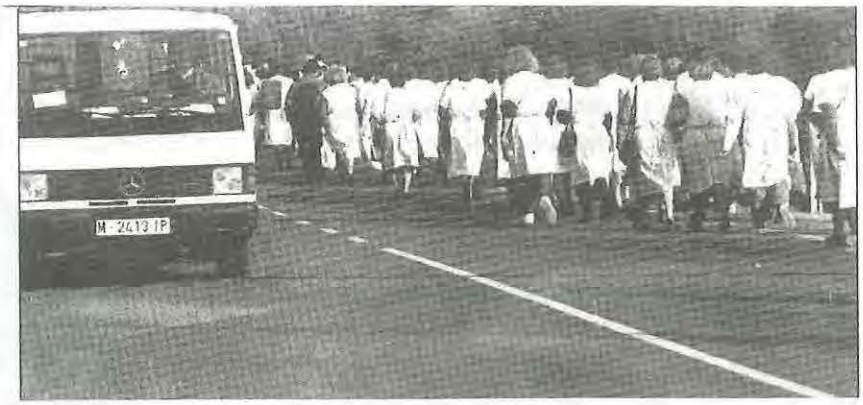
CONCHA.- Nós, no que é defender o posto de trabalho somos os primeiras, as que mais nos movemos, pero a hora de participar política ou sindicalmente, participamos menos porque temos menos horas para dedicar-lhe, já que aparte do trabalho na fábrica, temos umha casa que atender: os filhos, a comida, o home...

AREA.- E os postos de responsabilidade nas distintas secçons da fábrica, quem os leva?

CONCHA.- Os homes!. Há só umha mulher com categoria de encarregada. Levamos 20 anos -e mais- metendo peixe nas latas e a nossa categoria segue a ser de auxiliares, e por riba cobramos menos que eles tendo a mesma categoria!

AREA.- Tem a empresa diferenças de condiçons laborais, de trato, de actitudes... entre homes e mulheres?. Que tal com esses encarregados?.

CONCHA.- Queimam-nos!. Aos homes permite-se-lhes fumar, ás mulheres... que nom te mirem fumar!. Os homes podem estar dando quarenta voltas e poderám dizer-lhes algo, mentres que a umha mulher comem-na. E claro,



à hora de contestar-lhes já vas com medo polas suas respostas. Estamos mais sujeitas ao posto de trabalho porque temos que dar uns topes de produtividade e procuras nom despistar-te muito, senom, nom cobras, mentres que os homes nom tenhem este tope e fagam o que fixer cobram porque o tenhem incluído en nómina por convénio.

Chegou-lhes a hora de sair a saudar as suas companheiras que chegavam de Cangas a expressar a sua solidariedade e confiança na luita.

Esta entrevista é umha de tantas testimunhas de tantas e tantas mulheres que sofrem polo feito de sé-lo: discriminaçom salarial a respeito dos seus companheiros de trabalho, tratadas como "inferiores" às que se lhes proibe comportar-se com os mesmos direitos, que suportam dupla jornada... mas, isto deve aumentar a nossa confiança en nós mesmas como mulheres, à hora de um conflito som as primeiras em pôr-se à frente, em levar o maior peso da luita para conseguir as suas reivindicaçons.

As movilizaçons continuam: cortes de tráfico, marchas, um previsível paro geral na zona... O sistema capitalista-patriarcal nom tem vontade de resolver nem a viabilidade da Empresa, nem a exploraçom das mulheres. Como Concha e as suas companheiras somos muitas, cada dia mais, as mulheres que nom estamos dispostas a nos deixar arrebatar o nosso direito inalienável a ter UM TRABALHO DIGNO PARA SER INDEPENDENTES. CONFLITO MASSO SOLUÇOM!!!

Já *saiu a rua a nossa quarta agenda. Este ano dedicamo-la à história das mulheres na Galiza.*

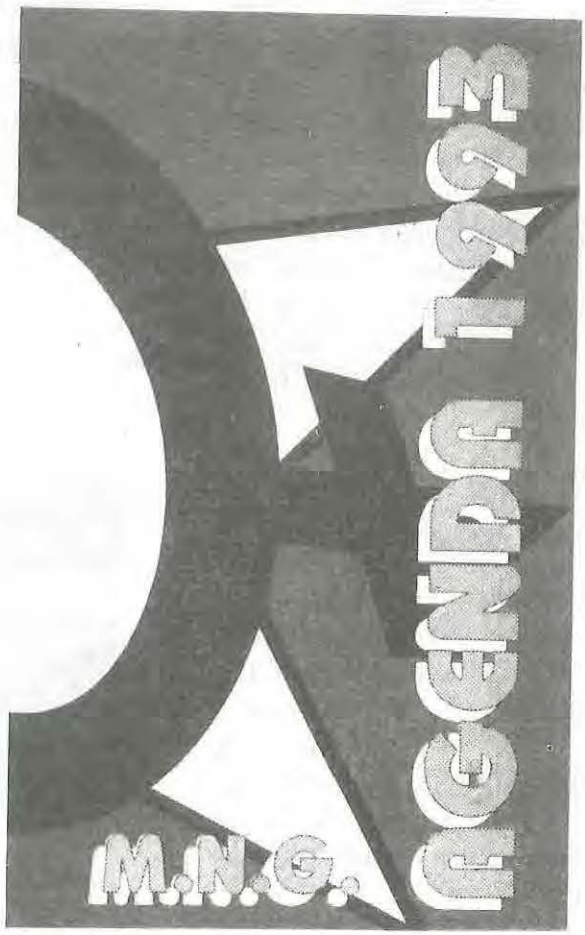
É a nossa pequena aportaçom para contestar umha pergunta fundamental: Que fazíamos asmulheresmentres os homes desenhavam as páginas da história oficial?. Apartadas e silenciadas nom souhemos nunca da nossa importância.

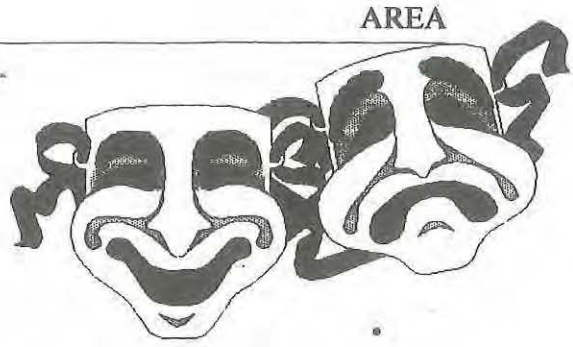
***Nesta** agenda, mês a mês, resgatamos em breves traços como foi a nossa participaçom em cada época, como tivemos avanços e retrocessos, como nos organizamos, e como é a situaçom actual.*

O exito obtido por esta agenda confirma-nos a necessidade de sabernos mais sobre a nossa própria história. Assim esperamos que outras mulheres retomem e ampliem este tema tam fundamental para nós.

***Se** ainda no tés a nossa agenda podes pedi-la nos seguintes endereços:*

Apartado 308. 36080 Vigo.
Estrada de Castela nº 110. Ferrol.
Cruzeiro de Sam Pedro nº 5 Compostela.





MULHER SE VERDADE

Eu sei que tés nós dos dedos, pero eu podo ver quando um home é real.
Quando falamos, em realidade eu si comezo.
Tu comprendes a verdadeira situaçom, eu só ando buscando a verdade.
Tu conheces muita gente, sempre estas bebendo com os teus amigos.
Tu conheces muita gente porque tés muitos cartos para gastar.

Eu nom som a típica mulher, que assente com a cabeça, e pacientemente espera os teus favores na cama.
Eu nom visto bragas de encaixe caras nem som escrava de bailes masoquistas.
Eu nom som umha mulher corrente, nem movo as minhas cadeiras sinuosamente.
Nem pisco as minhas pestanhas nem humedeço os meus beiços.
Eu nom som um limom, logo por favor, nom aproveites as minhas "pepitas".

Eu nom som umha "verdadeira" mulher, nom estou para fazer-che favores.
Nem brilham as minhas bragas nem as meias nos meus joelhos.
As unhas das minhas maos estám rotas e torcidas, tivem as maos sujas desde o dia que nascim.
Nom som umha mulher corrente, eu nom assinto com a cabeça, nem pacientemente espero os teus favores na cama.
Nom som um limom por tanto aperta as tuas "pepitas".

Som generosa, som má, som a minha própria lei, e só rio a todo o que ti me dis.
Logo, nom estejas sorprendido se nom che miro os olhos, os meus olhos estam um milhom de milhas longe.

Nom som umha mulher qualquer, nom vou cocinhar a tua comida.
Eu nom estou na página três, nem na genebra, nua.
A tua roupa suja aborrece-me e as tuas boromas também, por que nom as guardas para os teus amigos?.
Eu nom necessito nengum favor, nom necessito comprazer-te.
Nom necessito nengum palhaço para fazer-me côxegas nos joelhos. Nom som nengumha costeleta de anho, assim que por favor, nom pinches os meus "chicharos".

Nom som umha "verdadeira" mulher, nom som divina.
Só me gustam os nenos a vezes.
E como um home deve ter um pene enorme, para ser umha verdadeira mulher tes que ser Jovem.
Ouve lá!! nom es tam macho como pensas tu e os teus amigos.
Podes guardar a tua "banana" para tomá-la no almorço.
Nom som umha mulher corrente, nem vou cocinhar para ti. "E só quero sexo quando tenho ganas".

POISSON GIRLS
Do Disco SONGS OF PRAISE

UMHA DE AGRESSONS

O dia 25 de Novembro do 92, tivo lugar em Ponte-Vedra o juiço ao violador-assassino José Luis Pazos.

Em esta vista julgava-se a este indivíduo por três violaçons (umha delas a de Alicia Rouco que rematou com o assassinato da pequena) e sete "intentos" de violaçom. Em todas elas havia um ponto em comum -todas eram meninhas entre cinco e doze anos-

Todos estes actos delitivos eram cometidos entre o 10 de Janeiro de 1990 (dia da violaçom-assassinato de Alicia) até o 20 de Maio do 91. Passam , até a detençom do violador, 16 longos meses. O "sorprendente" é que desde o primeiro momento a polícia declara que seria apreendido rapidamente pois conheciam a cor, marca e letra do veículo.

Efectivamente isto sucede assim, o violador é detido dias despois,pero inmediatamente é posto em liberdade por falta de provas. A sua coartada era perfeita para a policia: O dia 10 de Janeiro à hora que se cometia o acto delictivo ele, comia tranquilamente no comedor do seu trabalho - para apoiar esta testimunha apresenta um título do comedor do seu trabalho - e sem mais o violador-assassino é posto em LIBERDADE??.

As suas fazanhas seguem pola zona: Redondela, Soutomaior, Paços de Borbem, Ponte-Caldelas, Cesantes....

Estes som alguns dos seus actos, pois sabemos de que o seu historial é mais amplo o que passa é que muitas violaçons quedarom sem denunciar.

Mentres a polícia e a justiça deixavam solto a este indivíduo, segundoles por falta de provas. As Mulheres Nacionalistas Galegas puxemo-nos em acçom para denunciar estes feitos: pintadas, pancartas, reparto de panfletos, entrevistas com vizinhas/os, com as associaçons dos bairros, recolhida de sinaturas no próprio bairro de Candeám e em todo Vigo.... Toda umha campanha em marcha denunciando os feitos, pedindo solidariedade, promovendo a movilizaçom, exigindo o castigo para o violador.

Ao mesmo tempo o conjunto de organizaçons de mulheres da cidade assim como a Asociaçom de vizinhos de Candeám, convocamos umha manifestaçom que foi um acto massivo de combatividade.

E passados 16 longos meses, em que algumhas organizaçons nom paramos de denunciar este feito, o violador e detido em Cesantes, graças aos vizinhos que som quem dam com ele e logo entregam-no à polícia. Ainda que logo o queiram apressentar como um triunfo.

Quando MNG recebemos a noticia de que este juiço se vai celebrar decidimos estar presentes nesta vista. Os motivos que nos fam tomar a decissom de nom entrar na sala onde se vai a celebrar o juiço som os seguintes:

* As nenas (entre 5 e 12 anos) obrigam-nas a declarar perante do seu violador, com os trastomos psicológicos que esto levava comsigo.

* As mais/pais ante isto pediam que a vista nom fosse pública para evitar maior sofrimento as raparigas.

* Se a vista nom é pública as meninhas nom podem estar acompanhadas por ninguém. Assistiriam sós.

Resolve-se todo este entramado da forma que as mais/pais pensam que é menos traumática para as suas nenas. Umha sala que só tem cabida para as meninhas e as suas pessoas mais achegadas.

Ante isto MNG toma a decissom de,nom estar na sala, mais si de apoiar a convocatória de umha concentraçom perante o Palácio de Justiça.

E assim o dia 25, ainda que o juiço vai a

empeçar às 10 h., desde às 9 da manhá empeçam a chegar fundamentalmente mulheres, mas também estam presentes alguns homes das a Associaçons de Vizinhos dos povos das meninhas, professoras/es e companheiras/os do colegio de Alicia Rouco e ali também estamos **MNG**. Foi umha concentraçom moi nutrida, ali estavamos juntas mulheres dos povos e as **MNG** com as nossas pancartas, com a nossa luita, com o nosso convencimento de que só com respostas avanzaremos na luita em contra das agressons às mulheres.

Pero ali as mais de nós atopamo-nos com um grandíssimo despliegue policial -azuis e verdes - o que é o mesmo polícia nacional e guardas civis, que nos rodeavam com aptitudes ameaçadoras, como se quixerem convertir-nos a nós nas delinqüentes: tomavam nota umha e outra vez dos textos das pancartas ali expostas, tentavam retirar-nos as bandeiras, umha e outra provocaçom..coacionavam para que a concentraçom rematara deixando "cair" que ... o juiço ia para mui longo... que já cumpriramos indo até ali, que nos fôramos, tentando sememtar desmoralizaçom. O que nom sabiam é que todas as pessoas que ali estávamos, sem excepçom de nengum tipo, tínhamos mui claro o porque de aquela concentraçom e que de ali nom nos moveriam até que nós o decidíssemos. E assim foi desde às 9 até as 14 h. estivemos ali sem parar nem um momento de berrar consignas, e isso molestava-lhes, molestava-lhes ver a firmeça na luita perante as agressons.

E actuarom na linha que já nos tenhem acostumadas: repressom contra as mulheres que estávamos a mostrar a nossa solidariedade com as meninhas violadas.

Exigirom que algumhas das mulheres que estávamos ali se identificassem. Segundo o mando policial fazia-o por ordem do juiz, ademais de proibir a utilizaçom do megáfono.

Mas a história da repressom às que luitamos contra as agressons, por umha GALIZA NOM PATRIARCAL E INDEPENDENTE nom rematou aí.

Em este momento companheiras militantes de **MNG** tenhem que comparecer ante o juiz peolo "gravíssimo" delito de ter amossado a sua luita contra as violaçons.

Em este momento que o acrescentamento das agressons às mulheres supera todo o impensável, a Justiça espanhola pelo visto segue a mostrar umha grande preocupaçom por reprimir às mulheres, quando no outro lado da balança seguem a dar-se sangrantes casos de violadores absoltos por falta de provas, condenas ridículas, ou permissos penitenciarios a estes indivíduos...

A pesar de que lhe molesta à Justiça, nós seguiremos luitando, nós seguiremos berrando até que isto troque:

VIOLADORES ASSASSINOS ; JUSTIÇA E POLÍCIA CÚMPLICES!!

JUSTIÇA ESPANHOLA MACHISTA E REPRESSORA!!

A continuaçom publicamos o comunicado de imprensa que Mulheres Nacionalistas Galegas figerom-nos chegar á redacçom da AREA e que se repartiu em rolda de imprensa o passado 16 de Fevereiro, e que mui poucos medios ou quase nengum se fijo eco, e quanto mais na sua totalidade:

O passado dia 25 de Novembro, na Audiência Provincial de Ponte-Vedra, celebrou-se a vista oral contra do chamado "violador da Madroa". As AA.VV de Candeám, Sooutomaior e Cesantes, convocárom umha concetraçom para mostrar a sua repulsa polos feitos ali julgados, que incluíam várias violaçons de nenas da zona e a violaçom e assassinato de Alicia Rouco. A maiores, as asociaçons pediam umha actuaçom judicial justa para com estes delitos que, como tristemente sucedeu em mais de umha ocassom, dérom lugar a sentências vergonhentas que todos e todas conhecemos, que convertiam à vítima em culpável, quando nom se julgava a sua intimidade, jeito de vestir, hábitos...

*A nossa organizaçom, **M.N.G.**, como vem sendo habitual diante de estes feitos, mostrou a sua solidariedade participando na concentraçom. A pancarta desplegada coas nossas siglas, baixo a consigna **"Contra as violaçons denúncia e acçom"** e o reparto de um folheto explicando qual é a nossa análise sobre o feito das agressons sexuais, coreando distintas consignas que deram a conhecer às pessoas que transitavam diante da Audiência Provincial o motivo da concentraçom, forom no essencial, a componhente de aquel acto público onde se exerceu um direito fundamental da pessoa: o da liberdade de expressom.*

*A violaçom continuada da rapaça de Vimianço, que como resultas atópa-se em avançado estado de gestaçom, a agressom e seqüestro da moça de Monforte junto com os sucesos de Valencia, som só a ponta mais actual de um iceberg que às portas do século XXI nom só nom parece derreter-se, senom pola contra semelha mais compacto cada dia: **As agressons sexistas.** A nossa organizaçom desde os seus começos, levou adiante campanhas de sensibilizaçom e denúncia diante de estes feitos em dous planos. Primeiro analisando que a causa das agressons está na organizaçom patriarcal da sociedade que apresenta às mulheres como pessoas de segunda categoria, que há que proteger e dominar ao mesmo tempo. E em segundo lugar denunciando a actuaçom da Justiça que como está demonstrado ao longo de ilustradoras sentências, nom parez distinguir entre agressor e agredida, vítima e culpável.*

A hipocresia que rodeia muitas das declaraçons de preocupaçom polos últimos feitos acaecidos ao redor da violência contra das mulheres e palpável. Os mesmos que se rasgam as vestiduras polas últimas notícias sobre violaçons e assassinatos de mulheres, som os que desde o poder estám a permitir umha manipulaçom sangrante da imagem da mulher, a sua marginaçom no mundo laboral, a sua exploraçom em negócios como a pornografia e a prostituiçom; os mesmos que permitem que umha empresa como Telefónica regente o maior prostíbulo que se conheça. Trata-se em definitiva de cambiar a liberdade sexual por comércio de mulheres, de escrever em um papel que temos os mesmos direitos e deveres que o outro sexo, pero negando-nos na práctica o poder exercê-los.

*Pilar Paz Rodríguez, membra da Direcçom Nacional de **Mulheres Nacionalistas Galegas**, que participou na concentraçom de Ponte-Vedra vem de recever umha notificaçom de encausamento por um delito de orde pública. A opinióm pública em geral, como assim o reflectirom os meios de comunicaçom, sabe que a manifestaçom diante da Audiência Provincial transcurriu sem incidentes. Só queda pensar que se quer paralisar o processo de denúncia que em matéria de agressons vimos fazendo as mulheres. Só o ministro Corcuera pode tirar declaraçons públicas, mostrar as suas opinións sobre a problemática das mulheres e a actuaçom do Poder Judicial. Quando as mulheres pretendemos fazer o próprio exercendo o direito à liberdade de expressom pretende amordazar-nos com o peso da sua Lei. Existiu umha legislaçom em Inglaterra que proibia às mulheres falar na rua. Antigos processos contra de mulheres em Compostela volvem-nos aos tempos onde a Inquisiçom pretendia também resguardar a orde pública. Será a conmemoraçom do Jacobeo 93 que fai desenterrar velhas pantasmas.*

LENHA ÀS MULHERES ATÉ QUE APRENDAM O CATECISMO

Assim *como o Priscilianismo, na sua curta história, representou umha práctica religiosa que conectou rapidamente com as massas populares campesinhas, interpretando o cristianismo de um jeito libertador, potenciando a participaçom da mulher tanto na litúrgia como nos outros aspectos da vida religiosa, recolhendo as prácticas panteístas tam arraigadas no subsconsciente do povo galego, o catolicismo implantou-se no nosso país com a instauraçom da monarquia visigoda, ou o que é o mesmo, com a toma do poder por parte da classe terratenente que perseguiu contundentemente toda disidência.*

O catolicismo presentou desde as suas origes um forte conteúdo misógeno, tanto na sua explicaçom do sentido do Universo, como na regulaçom que formula da vida de todos os dias (relaçons pessoais, afectivas, económicas, da sexualidade, da maternidade...)

Em 1978 foi nomeado papa Karol Wojtyla, despois da escura morte de Albino Luciani, quem ocupou a cadeira pontifícia tam só 33 dias. A ninguém lhe resultou desapercebida a involuçom que experimentou a Igreja Católica e que, despois destes quinze anos viu-se definitivamente legitimada com a publicaçom do NOVO CATECISMO CATÓLICO.

Deixando *a um lado a arrogância que supom o ter editado umha normativa universal, como se nom existissem diferenças baseadas nas distintas tradiçons e culturas, ou passando de comentar o abandono definitivo do compromisso social da Igreja contemplado no Concílio Vaticano II, imos resaltar o que neste importante documento se apresenta como mais ameaçante para as mulheres na sua luita pela emancipaçom.*

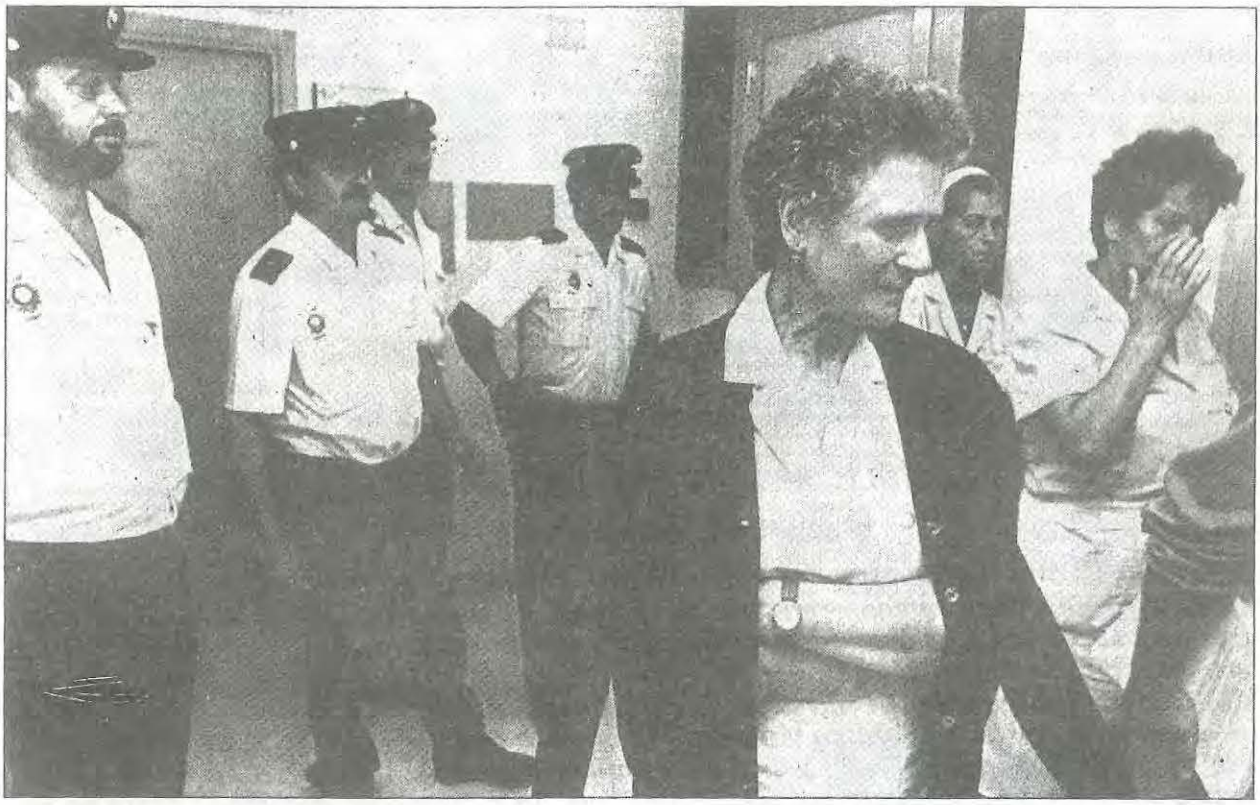
Apresenta-nos *este novo códice, um Deus sexista que chama só aos homes ao seu serviço para que ofíciem a litúrgia e ocupem postos de responsabilidade na sua Igreja. As mulheres quedam para servir a Deus tam só a través da maternidade.*

A persecuçom do prazer tem reminiscências inquisitoriais, quando se nos fala da desorde moral que significa a masturbaçom ou a concepçom da homosexualidade como enfermidade.

A hierarquia eclesial pretende seguir usurpando o nosso corpo e dando por sentado que o poder de dar a vida só emana de Deus, excomungando as mulheres que tenham abortado e condenando mais umha vez as prácticas anti-conceptivas.

O matrimónio segue a ser indisolúvel e só dentro del vam-se poder desenvolver as relaçons sexuais (deixemos para outra ocassom o comentar a disoluçom de matrimonios de princesas ou pessoas destacadas do régime franquista). A família patriarcal segue a ser fortemente apoiada desde a Igreja, que como vimos de resumir, nom parece preocupada polos crimes de guerra ou inclussive aceita o crime do estado que supom a pena de morte, pero segue a mostrar-nos como seres de segunda classe submetidas ao home e a autoridade divina.

CONFLITO DAS TRABALHADORAS DA EMPRESA RAMEL



RAMEL S.A. é umha empresa catalana que colhe a contrata de limpeça do complexo A. Marcide-Novoa Santos de Ferrol, em Janeiro de 1992. Tem delegaçons em Corunha e em distintos pontos do Estado Espanhol.
De plantilha som 61 pessoas: 57 mulheres e 4 homes; participárom no conflito 48 trabalhadoras/es, que durará desde Abril de 1992 até Julho do mesmo ano (três meses).
Estavam presentes na entrevista de 10 a 15 mulheres: Pilocha, Ana, Isabel, Hermelina, Teresa... das quais duas som delegadas sindicais:Ana e Isabel.

AREA.- Por que chega-tedes ao conflito com a Direcçom de Ramel?.
ISABEL.- Quando já tenhem a contrata, savem que devem respeitar o convénio, a totalidade do pessoal, e todas as milhoras laborais conqueridas pelas trabalhadoras e trabalhadores.
Umha das milhoras que tinhamos adquirida desde fazia 14 anos era a categoria de "pinches" a todos os efeitos: Soldos, libranças, coberturas de vacantes, baixas e vacaçons.
Quando chega mês de Abril e devem pagar
o PRD, negam-se a fazê-lo, e tampouco querem cubrir nem baixas nem vacantes....
A Direcçom quere reger-se pelo convénio inter-profissional, com o que o pessoal perderia os direitos adquiridos desde há anos: As baixas já nom se cubrirám ao 100%, as vacaçons nom serám de um mês senom de 30 dias laborais, e tampouco se cubririam ao 100% os dias "moscosos" (9 dias livres aparte das vacaçons), salarios inferiores...

AREA.- Respeita esta empresa o convénio em outras contratas?.

ISABEL.- Ramel trabalha com Bancos, edificios... e regem-se pelo convénio inter-profissional, as únicas que conquerimos a categoria de "pinches" somos nós.

AREA.- Que movilizaçons levas-te-des a cabo durante estes três meses?.

ISABEL.- No mês de Abril chamamos a negociar à empresa, e negou-se a aceitar os pontos que se lhe apresentam. A práctica totalidade das trabalhadoras sumamo-nos as movilizaçons, só 13 pessoas nom assumiram a luita. E a isto há que engadir que as medidas de pressom mais duras que fixemos coincidirom com o período de vacaçons: paros parciais, pancartas, manifestaçons ao redor da Residência, cortes de tráfico...

Recrudeceu-se o conflito e fixe-mos folgas de jornada laboral completa; fechando-nos umha noite na capela da Resideência. O 31de Junho ocupamos o despacho do Gerente do Complexo Hospitalário, fomos sacadas de ali pelo mesmo Gerente, que inclusso chegou a ameaçar à representante sindical de C.C.O.O.. Esse mesmo día iniciamos folga indefinida que durou até o 31 de Julho, fechando-nos na sala de juntas do hospital durante 13 dias. Fomos desalojadas pela polícia nacional por orde da Governadora Civil. O próprio Gerente acompanhava à polícia.. O desalojo foi pela tarde e essa mesma noite fechamo-nos no vestíbulo da direcçom, mantendo-nos ali manham, tarde e noite durante um mês.

AREA.- Que pressons recevis-te-des da direcçom de RAMEL?.

ISABEL.- Durante a folga os serviços mínimos estavam moi aumentados o que perjudicava a incidência na folga. Intentarom aproveitar-se das mulheres supostamente mais fáciles de amedrentar, e mais dispostas a colaborar com a direcçom, por ejemplo oferecer-lhes o retiro anticipado às mulheres mais cercanas a jubilaçom. Someterom-nos a um seguimento quasi policial pelo encarregado da empresa e inclusive ameaças, às mulheres que participavam na folga e tinham que trabalhar para cumplir os serviços mínimos. Favoreceromdescaradamente às que nom se sumarom a folga o qual ajudava a aumentar o clima de tensiom entre as próprias companheiras e a dividir cada vez mas ò coleitivo, segundo o dito "divide e vencerás".

AREA.- De que lado puxo-se a direcçom e gerência do Complexo Hospitalario?.

ISABEL.- Aunque em um principio tomarom umha postura ambigua, já vam desenmascardo-se, e ponhemdo-se do lado da empresa, em contra das trabalhadoras, inclusive recurrindo o controlo e seguimento do pessoal, assim como à repressom. Por ejemplo apareciam as duas ou três da manhá no hospital para mirar se faziamos desperfitos, mandavam um guardia de seguridade todas as noites para ver si aproveitavamos para manchar o edificio e conquerir umha maior incidência das folga Também intentarom convercer as folgustas para que abandonaram a folga. O que nom tem explicaçom nengumha, é como o Gerente vendo como se deteriora día a día Residência, -que sanidade pode-se oferecer à povoaçom, quando falta o fundamental para a saúde?- nom toma cartas no asunto obligando a RAMEL a rematar o conflito dando-lhe às trabalhadoras e trabalhadores o que lhes corresponde, e de nom ser assim, por que nom lhes quita a contrata?.

AREA.- Houvo solidariedade e apoio por parte das companheiras e companheiros doutros coleitivos?.

ISABEL.- Sentimo-nos apoiadas em todo momento

por parte doscompanheiros e companheiras da Residência que nom eram trabalhadores da companhía RAMEL. Fixo-se um fondo por parte da rama do metal e do pessoal sanitario. Tivemos telegramas de apoio e comunicados a prensa apoiando a nossa luita de todo Galiza.

AREA.- Sentiu-se maior pressom por ser mulher?.

ISABEL.-Houvo companheiras que tiverom o apoio total doentorno no que vivem, mais algumhas chegarom a têr problemas co as suas familias porque nom queriam que foram ò peche. Como a maioria das mulheres que trabalham fora do fogar tinhamos que chegar a casa e fazer a dupla jornada, a limpeza, as crianças...vendo-nos obrigadas a fazer as cousas a todo trapo para poder trabalhar, ir ò peche e atender ò trabalho da casa.

As mais maiores tiverom que plantar-se perante a direcçom de Ramel, para manter a sua dignidade apoiando e participando na luita até o final, e nom quere aceitar umha soluçom individual quando se negarom a colher a baixa anticipada. Por parte dos companheiros do trabalho sentimo-nos sempre apoiadas e nunca discriminadas.

AREA.-Que comportamento adoptarom os sindicatos?.

ISABEL.- Os únicos sindicatos que tenhem presência som CCOO e SGS. Comisions leva adiante o conflito, mentres que o SGS (minoritario) nom só nom participa nas medidas de pressom levadas adiante pelas trabalhadoras, senom que intentam romper a folga colaborando ou quando menos fazendo-lhe o jogo a direcçom de Ramel. O SGS dize que no fundamental estava de acordo com as reivindicaçons, e que eram justas, mais havia que negociar e esperar. Ò final do conflito asinarom os acordos assumindo as condicçons impostas pelos trabalhadores/as à direcçom da empresa.

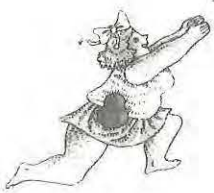
AREA.- Vale a pena luitar pelos teus direitos e manter-se até o final?.

ISABEL.- Quando se inicia um conflito laboral para nom perder os direitos conqueridos (fai 14 anos) e ves clara a intençom da empresa de nom respeta-los, chega um ponto que nom se pode ceder a há que seguer luitando para obrigar a empresa a cumprir e assumir as reivindicaçons.

Estamos orgulhosas de levar adiante umha luita de três meses com todo tipo de pressons, soubemos manter a nossa postura até o final. E também resaltar que eramos mulheres quasi todas as que participábamos nas movilizaçons pois companheiros eram três, luitando também até o final. Sentimo-nos orgulhosas de ter sido as protagonistas de esta luita

AREA.-Problemas actuais com a empresa?.

ISABEL.- Estamos a sofrir persecuçom sindical, controlo absoluto sobre as pessoas que participamos na luita. Seguem sem cubrir nem as baixas nem as vacaçons ao 100%. Como esta feito o novo centro de especialidades na Residência, quando cubrem umha vacante nom cobrem o posto da que sustituem, senom que vam ò novo centro, temos que realiçar o mesmo número de pessoas umha quantidade superior de trabalho. Também notamos umha diferença de trato com as trabalhadoras que nom participarom na folga, parece que gozam de mais simpatias a hora de dar-lhes dias livres, mentras que a nós ainda nos devem do ano 92. Como vedes nom trocou muito a situaçom de como nos atopavamos ò principio do conflito, em qualquer momento teremos que retomar a luita .



IRLANDA

Entrevista com UNA GILLESPIE, membra do "Women's National Commity" e da executiva nacional de SINN FEINN.

AREA.- Podes-nos explicar como e situaçom do movimento feminista em Irlanda?.

UNA.- Em este momento a situaçom para as mulheres esta bastante mal. Existem duas situaçons bem distintas: A das mulheres do Sul de Irlanda que é muito mais dificil porque há muita mais influência católica que no Norte. E as do Norte, que tampouco estam bem pela influência de protestantes fundamentalistas.
Há .dez anos o movimento de mulheres era muito mais radical, forte e comprometido. Pero hoje em dia, tra-los resultados tam pouco positivos, dos dous referénduns, um sobre o aboto e outro do divorcio, as mulheres estam desanimadas, até podemos dizer que amargadas, e destruido todo o movimento de força. Agora o que há som pequenos grupos de mulheres que tabalham em temas

concretos como. o desemprego, a sanidade, o paro.... mais nom há nengumha campanha radical, nem unificaçom algumha. Creo que ocorre o mesmo no Norte de Irlanda. Despois de dez anos de governo conservador o movimento feminista viu-se afeitado moi seriamente e é muito dificil motivar às mulheres e emprender de novo a luita.

Em quanto ao movemento feminista e o Nacionalismo, existe umha separaçom entre o que som as "feministas liberais" e as mulheres que tambem luitam e apoiam o Nacionalismo. Em Irlanda há mulheres que dim que o tema do Nacionalismo é umha questiom delicada e perigossa, e pôr isso nom se comprometem. Pensam que pelo feito de ser mulheres so devem falar e tratar temas que se correspondem com necessidades exclusivamente "femininas" Mais é impossivel ignorar este problema ja que é parte da mesma luita e nom podem ser separado. As mulheres do Norte de Irlanda chegarom a conclussom de que o feminismo e nacionalismo vam unidos na luita das mulheres.

AREA .- O teu país esta luitando com o processo de Liberaçom Nacional. Como unes a luita Nacional com a luita Feminista?.

UNA.- O movimento republicano crêe que podemos exigir cousas para as mulheres: ja que baijo aocup çom dos ingleses a liberdade nom se vai a levar a cabo, e dentro de umha Irlanda unificada as mulheres podem têr melhores direitos. Penso ademais que a luita tem que começar ja porque ninguem pode dizer que temos umha Irlanda unificada, quando as mulheres nom tenhem liberdade. Tambem temos que luitar para levar o Nacionalismo a um marco político no que as mulheres tenham carregos de responsabilidade dentro do movimento nacionalista.

Recentemente elaboramos um novo documento sobre as mulheres, onde todos os cambios que houbo durante os últimos dez anos.

AREA.- Mediante os meios de comunicaçom a opiniom pública europeia é, de que os que luitam no Ulster estram em contra da legalizaçom do aborto. É isso umha demostraçom da influência da religiom católica na vossa sociedade?.

UNA.- Hai duas situaçons referentes a este tema: O aborto no Sul de Irlanda, ademais de ser ilegal, na contituiçom recolhe-se o direito do neno (feto) a viver, igual que o direito da mulher. Plantejando-se a questiom de a qual escolhes. Ademais a labor dos grupos anti-abortistas levam a cabo campanhas moi amargas, como si estivese-mos assassinando nenos... os casos que estiverom nos juzgados donde organizaçons como SPUC (organizaçom anti-aborto de extrema-direita) protegiam so os direitos do neno e luitam para que a constituiçom so poda ser interpretada de maneira qué as mulheres nom tenham direito a informaçom sobre o aborto, nem revistas com informaçom relacionada com o tema, assim como números de telefone o endereços das clínicas. Antes havia duas clínicas em Dublim para dar conselhos às mulheres que queriam abortar e ajudar-lhes económicamente para realizar viajes a Inglaterra a abortar. Estas clínicas pela influência do SPUC, tiverom que pechar. As mulheres agora nom tênhem aceso a nengumha informaçom relacionada co tema.

No sur de Irlanda, as revistas que venhem de Inglaterra, si traem informaçom, telefones ou demais, cortam-lhes as páginas antes de ponhe-las à venda.

Em Inglaterra desde 1967, o aborto é legal; mais nom esta extendido ao Norte de Irlanda. Logo aborto tambem é ilegal no Norte. Creio que é o único tema que os políticos fieles e os políticos nacionalistas estam de acordo: em que as mulheres nom renham direito ao aborto. Por isso que no Norte tambem é dificil para as mulheres ainda que tenhem informaçom e é muito mais doado. Em este momento estamos fazendo umha campanha conjunta com

outros grupos feministas a favor do aborto.

A póliza do SINN FEIN é umha reflessom da influência dos católicos no movimento republicano; que dim que nom estam de acordo com o aborto em geral, unicamente em casos moi especiais: violaçons, quando a mulher tem cancro.. em situaçons específicas. Sem embargo dim que as mulheres si podem têr direito a informaçom. De todos os jeitos há muitas mulheres dentro SINN FEIN que crêen que tenhem direito a eleger ainda que aluita para conqueri-lo seja mui dura.

O governo de Dublim negociou um Protocolo

em acordo com Maastrich onde a Lei de Europa nom se vai a extender para incluir a Irlanda, para que nom poda afectar a constituiçom irlandesa.

Houvo um grande debate com o caso recente dumha rapacinha de catorce anos que foi vítima de umha violaçom e quedou embarazada, pois queriam negar seu direito a viajar a Inglaterra. Deste jeito o debate de Maastrich quedou arrinconado ja que a opiniom pública estaba pendiente do caso da rapaça. A raiz de esto os grupos pro-aborto pediam um referendum antes da negociaçom de Maastrich, para trocar a constituiçom e asegurar o direito das mulheres a viajar e têr direito a informaçom, desde logo o governo de Dublim negou-se a faze-o e os mais conservadores elaborarom umha campanha para votar nom a Maastrich, por medo que com isso trocaram as leises de Irlanda. Tambem os grupos de esquerda elaborarom campanhas para votar nom a Maastrich, o que desconcertava ao Povo, ao têr governo e oposiçom a mesma postura. Entom os partidos de esquerda decidirom que si o governo votava que nom eles votariam em blanco. Por tanto creou-se umha situaçon dificil mais positiva ao mesmo tempo, ja que o governo de Dublin precissa de outro referendum.

AREA.- Que poder tenhem as mulheres dentro do Movimento Nacionalista?. Como farias para troca-lo?.

U N A . - O departamento da mulher dentro de SINN FEIN organiza a política do tema da mulher, ainda que dependa tambem da política geral do S.F. O que fai este departamneto é formular a política para educar aos membros da organizaçom, que conjuntamente com o partido republicano trabalhamos para avançar no tocante as mulheres. Fora do SINN FEIN tambem se trabalha nom so por um movimento independentista, se nom que muitas mulheres nos apoiam por umha alternativa mais democrática , apoiando ao SF sem ser militantes do mesmo. Ainda que o nosso papel como departamento das mulheres é de luitar com a organizaçom, ja que a luita pela libertaçom e fundamneta para rematar com a opressom, tanto nacional coma das mulheres, os opressores no caso das mulheres empregam a nossa sexualidade para intentar derrotarmo-nos. Ejemplos tam craros como a situaçom das mulheres nas cadeias que som sometidas acacheios obrigatoriamente espidas, ataques por parte das

funcionarias, torturas psicológicas ameazas de deter aos seus filhos ou companheiros...Dentro do SINN FEIN há umha póliza de discriminaçom positiva, o que quêr dizer que um quarto dos trabalhadores dos efeitivos nacionais tenhem que ser mulheres, o que conleva que varios jefes de departamento sejam mulheres, como em publicidade, educaçom, cultura, departamento da mulher,...tendo controlo absoluto dos devanditos temas. Vemos entom que há mais e mais mulheres introducidas na escala de poder ainda que a estructura da organizaçom, coma a de outros partidos este especialmente preparada para homes.

A pesar dos inconvintes que tenhem a s mulheres pelo feito de ser mais e esposas, tendo menos tempo para acudir a juntanzas, elaborar campanhas ... som maioritariamente mulheres as que preparam as campanhas para as eleiçons, organizam manifestaçons... . Logo som muitas as mulhere que ajudam ao movimento republicano aunque nom especificamente ao SINN FEIN.

No Norte de Irlanda a nossa estrategia é involucrar-nos com outras organizaçons de mulheres que nom som parte de SINN FEIN, para ajuda-las a dar-se conta de que o Nacionalismo e o Feminismo formam parte da mesma luita. Assim, falamos sobre dos efeitos da ocupaçom dos ingleses na vida das mulheres, a divissom que esso creou... a até certo punto foi um exito.. Ainda que houvo quem pensou que queriamos emprega-lo so para o Nacionalismo, deijando a um lado o Feminismo. Mais nom é assim, é importante falar com os políticos da situaçom mentres que avançamos.

Em novembro de 1992 houvo um referêndum no Sur de Irlanda. Resultado do qual agora as mulheres tenhem direito a têr informaçom sobre clínicas, telefones, lugares, e como nom!, a viajar a Inglaterra a abortar; ao igualque no Norte.

O MUNDO DOS CONTOS

SE Partimos da base de que os nenos e as nenas som iguais quando nascem, devemos logo, anlissar que elementos fam que cada umha e um interiorice e aceite os distintos papeis que lhes estam reservados jádesde idades mui seródias.

Podem ser os contos um destes elementos ?.

Os contos desde antigo cumprem a missom de educar, de fazer apreender de um jeito moi atractivo, o que se considera bom ou mau em determinada sociedade.

Se temos em conta que a imaginaçom esta enormemente desenvolvida na infáncia e que as crianças podem alimentar essa imaginaçom tam imperiosamente como os seus bandulhinhos, podemos supor a importancia que tenhem os contos, onde aconteçe todo o maravilhoso,mágico, emocionante e gratiicador que se poda pensar.

Tudo?. Por mais que se faga a lista de cousas incriveis que podam acontecer nom é possível atopar nos contos tradicionais (e mutíssimos actuais) umha rapaça aventureira, umha giganta fortíssima, umha rapariga que rejeite casar com o príncipe ou umha mamá que nom faga a comida. Podemos ver só montanhas que se abrem, fontes que arreitam moedas de ouro, cabaças que se convirtem em carroças... é dizer todo o maravilhoso que nom atente contra a orde estabelecida do Patriarcado. As nenas tenhem que saber onde está o seu sítio e há que encaminhar e por- lhe couto à sua imaginaçom, nom vaia

ser que imaginem um mundo distinto !. Podem quiça invejar ser o príncipe (tam valente!) da história pero nunca imaginar ser elas mesmas as que fagam frente aos obstáculos da aventua. As nenas temhem que conformar-se com ser a figura passiva, como muito ajudar com a sua bondade, humildade e sacrifício a que o protagonista vença e que lhe seja dado como "regalo" ao final. Porque se os protagonistas masculinos tiram vida, honor, sona e galanos das suas aventuras o maior regalo das protagonistas femininas é casar ao final. Um final feliz que nunca se lhe di as nenas que pode ser o principio de problemas, discussons, fustraçons, valeiros, etc, etc..... isso nom pode estar reflectido nos contos porque as nenas debem desejar por cima de todo casar e ter filhos como finalidade única da sua vida. A nena apreende com os contos que nom deve luitar, que quando se enfrente a um problema deve botar mau do seu congénere masculino mais próximo, que eles estám aí para "proteger" e "mandar" que a sua inteligência e infalivel e se há algum perigo devem desmaiar-se como fam todas as mulheres nestes casos!.

Polo tanto vemos como a imaginaçom já nom é livre senom perfeitamente engaiolada dentro duns parámetros que nom se devem transpassar. Que trampa mais sutil nos criou o Patriarcado!. É tanto mais indignante quando pensamos que fomos desde sempre as "educadoras", as "transmissoras" , "as contadoras de contos"! realizando um papel activo na interiorizaçom do nosso papel passivo.

Chegadas a este

ponto temos que pararnos a buscar soluçons: Que podemos fazer?.
Os contos tradicionais estám moi arraigados. As crianças adoitam conhecê-los por distintos meios, pero aqui há um jogo que podemos fazer com elas: demos-lhe a volta aos contos!. Podemos criar um "Cinzento", um Branco-Neves" com sete enaninhas, um Ali Babá com quarenta ladras... é possivel que a estranheça seja tanta que rompa esquemas. Como dijo umha pequena: "é certo, sempre há ladrons e nunca ladras!. Os contos devem estar todos escritos por homes!". Isto já é um princípio. umha destrucçom do afiançado para poder romper as barreiras que acoutam a imaginaçom, para indicar-lhes que as cousas podiam ser de outro jeito, e que queremos que sejam de outro jeito, nom precisamente ao revés, senom distintas.

Outra recomendaçom a fazer é ler antes sempre, sempre os contos que vaiamos regalar: baixo os títulos mais ingénuos podem-se agachar os principios mais sexistas nom permitamos que um regalo poda ser um

fortalecemento de algo que queremos desfazer. Hoje podemos atopar dentro da nossa literatura infantil contos maravilhosos onde os roles nom estam prefixados nos que se intenta educar para outro tipo de sociedade, onde as figuras protagonistas sejam varons ou mulheres, estám equilibradas: podem ter tanto umhas como outros boas ideias, ser valentes, ser doçes, ser solidarios e solidárias, e realizar todo tipo de trabalhos...

Perde um pouço de tempo nas livrarias para buscar umha boa leitura, um pouco do teu tempo pode supor um muito no avanço no pensamento das crianças.

Por último nom perdas olho das leituras do colégio. As crianças gostam moito do livro de leitura e estes estám cheios de nenos inteligentes e nenas invejosas, de nenos que vam pescar e nenas que ponhem a mesa, de mais que calcetam e pais que lem o jornal. Nom em vam é possível atopar livros de texto de há vinte anos com só a portada cambiada. Protesta por todos os meios que tenhas ao teu alcance para que no colegio nom fagam este tipo de leituras sexistas. Propom tu outras, alternativas.

Só som umhas poucas ideias quando fica tanto a fazer, pero nom descoidemos nada, o mais igénuo esta a reforzar a sociedade patriarcal. Sejamos agora contadoras de um conto novo que revolte a imaginaçom!.

Se as nenas o imaginam poderám vivê-lo.

ASSEMBLEIA NACIONAL

No passado mes de Dezembro, dous dias de debate em Compostela fecharom a celebraçom da III Assembleia Nacional de Mulheres Nacionalistas Galegas. Se tivessemos que resumir o que foi esta juntança compostelá, poderíamos dizer que estivemos a pôr-nos ao dia da situaçom do ***PATRIARCADO NA GALIZA***, como se manifesta, que características vem tomando, de que estruturas se val, a sua estreita relaçom com o actual sistema político, económico e social...

Actualizamos, assim mesmo, o nosso ***PROGRAMA REIVINDICATIVO*** que aguardamos seja assumido por mais e mais mulheres cada dia. É um guieiro apreçado para o nosso que fazer diário. As metas quedam sinaladas, agora só resta ir por elas.
Umha profunda remodelaçom organizativa fechou este encontro que agardamos pronto seja frutífero. Isso poderedes comprová-lo se observades na nossa organizaçom um enfrentamento cada dia mais eficaz contra o Patriarcado na Galiza.

As conclussons de esta III Assembleia Nacional já estám editadas. Podedes botar-lhes umha olhada e sacar as vossas próprias.

Os nossos enderezos som:

Apartado 308
36080 Vigo.

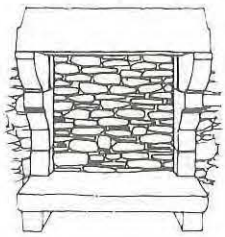
Estrada de Castela 110 -1º
15404 Ferrol

Cruzeiro de Sam Pedro nº5
Compostela

BELLAS FARTO

San Miguel, 3 - SANTIAGO

FUCOLOIS



Tfno. 563447
San Paio, 12
Santiago

BAIÚCA

CASA DAS CREPAS

Via Sacra, 3

FEMINISTAS INDEPENDENTES GALEGAS

EDITA:

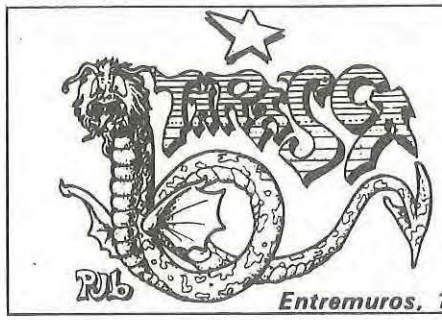
FESTA DA PALABRA SILENCIADA

SÁ DO PENAL

SANTIAGO

ABAIXO 22

ALGALIA DE



Entremuros, 13

"A PALLOZA"

BAIUCA

ENTREMUROS, Nº 10